
Ciência da Informação: personagem da pós-modernidade

Jessica Camara Siqueira

Resumo: O artigo apresenta o contexto de criação e desenvolvimento da Ciência da Informação a partir de uma abordagem histórico-conceitual. Para isso, apresentam-se traços históricos das origens e evolução do campo teórico da área e aspectos conceituais de sua natureza, a exemplo do caráter interdisciplinar, responsáveis pelo delineamento da área. O objetivo do artigo é desvelar os traços que caracterizam a identidade da Ciência da Informação, perpassando pelo seu referencial teórico e identificando maneiras de enxergar a área no âmbito do paradigma da pós-modernidade. A partir da revisão de literatura de autores de diferentes períodos, procura-se delinear um panorama da criação e desenvolvimento da Ciência da Informação no contexto histórico-social da contemporaneidade. Por fim, constata-se que não há um consenso teórico conceitual entre os especialistas da área, o que resvala para uma dissonância de diferentes opiniões acerca de sua natureza. Diante disso, é premente ao desenvolvimento de estudos de cunho epistemológico, a fim corroborar a constituição identitária da área.

Palavras-chave: Ciência da Informação. Modernidade. Pós-modernidade. Epistemologia.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos houve relativo avanço nos estudos no domínio da Ciência da Informação. Todavia há ainda obstáculos que dificultam a constituição da área como campo científico. Verificar seu caráter como prática científica é notório, porém, reconhecer o pensamento que a constitui é difícil, já que se esbarra em terminologias oriundas de diferentes disciplinas, além do fato da conjuntura histórico-social ser caracterizada pela transição de modelos de produção científica do conhecimento (TÁLAMO; SMIT, 2007).

Se por um lado a Ciência da Informação ainda é fortemente influenciada pelo modelo de ciência moderna, alicerçada numa visão racionalista, funcionalista e voltada à especialização do saber, por outro lado, ela “nasce” num momento de emergência do paradigma pós-moderno, de natureza subjetiva, interdisciplinar e voltada a problemas e não às disciplinas. Assim, os parâmetros modernos, tradicionalmente considerados elementos chave para a constituição de uma área, agora se desestabilizam, a exemplo da definição do objeto das ciências, sua metodologia e sua terminologia.

A noção de um objeto no âmbito pós-moderno se relativiza, não sendo mais o epicentro do olhar científico, mas um filtro adotado para problematizar os elementos do mundo, ou seja, adquire uma função de ponto de vista (TÁLAMO; SMIT, 2007). Apoiadas em Santos (1987), as mesmas autoras salientam que, diferentemente da fragmentação moderna, de caráter disciplinar, vivemos um momento de transgressão metodológica. Nesse contexto predomina uma fragmentação temática, ou seja, "cada método é uma linguagem e a realidade responde na língua em que é perguntada" (SANTOS, 1987, p.48). Também segundo as autoras, a identificação do domínio da Ciência da Informação esbarra em terminologias que correspondem a distintos momentos históricos da produção do conhecimento, sendo elas muitas vezes incompatíveis. Muitas alterações nem sempre são percebidas no momento em que ocorrem, além disso, sobre seu entendimento na contemporaneidade:

[...] exige uma atitude científica que não se deixe envolver por tipologias que, embora ainda gozem de certo prestígio, não conduzem a um entendimento da complexidade do campo dos processos de construção e circulação da informação (TÁLAMO; SMIT, 2007).

Diante de tais transformações é relevante conhecer um pouco da história e das características de cada modelo de produção do conhecimento que influencia a Ciência da Informação. A compreensão da origem e evolução da área pode permitir um melhor entendimento do uso das práticas informacionais em nossa sociedade. Para isso, o objetivo do artigo é desvelar os traços que caracterizam a identidade da Ciência da Informação, perpassando pelo seu referencial teórico e identificando maneiras de enxergar a área no âmbito do paradigma da pós-modernidade. A partir da revisão de literatura de autores de diferentes períodos, procura-se delinear um panorama da criação e desenvolvimento da Ciência da Informação no contexto histórico-social da contemporaneidade.

2 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: HISTÓRIA E INDAGAÇÕES

As origens dos estudos informacionais e comunicacionais, segundo Simeão (2006) remonta aos escritos de Aristóteles, filósofo da Grécia Antiga, que já trazia em suas pesquisas aspectos da transmissão da informação, mesmo que por uma perspectiva filosófica. Depois disso, foi só no século XVIII, com o movimento enciclopedista francês, que a ideia de informação ressurgiu com uma nova roupagem, entendida como um elemento integrante do sistema de comunicação e assumindo um caráter mais científico e conceitual. Porém, foi

apenas no século XIX que a comunicação e a informação foram percebidas como fenômenos sociais, fruto das transformações socioculturais e tecnológicas do período (SIMEÃO, 2006).

Tal percepção do papel da comunicação e da informação foi acentuada na revolução científica e técnica da segunda metade do século XX, pós-segunda Guerra Mundial. Para muitos autores, esse seria o marco inicial dos estudos informacionais, como conhecemos hoje (SIMEÃO, 2006). Para entender como tal momento histórico influenciou as “raízes” da Ciência da Informação, é interessante contrapor o contexto antecedente *versus* o precedente a tal marco.

Na transição do século XVIII para o século XIX, Estado e Igreja se separaram. O homem, numa postura cada vez mais autônoma, ampliava sua visão de mundo a partir do desenvolvimento científico, tecnológico e artístico, influenciado pelo olhar racionalista e pragmático do momento. O pensamento filosófico da época foi marcado por figuras e correntes como: Johan Gottlib e o Idealismo alemão; Karl Marx e o materialismo histórico; Friedrich Engels e o Hegelianismo; Auguste Comte e o Positivismo; Charles Sanders Peirce e John Stuart Mill com o Pragmatismo; Ferdinand Saussure e o Estruturalismo linguístico; Gottlob Frege e a Lógica formal; e o visionário Friedrich Nietzsche criticando o Iluminismo (ROBREDO, 2007).

Esse modelo de racionalidade que inicialmente dominou as ciências naturais até o século XVIII, no século XIX se estendeu às ciências sociais emergentes e influenciou o pensamento científico até o início do século XX (SANTOS, 1987). Tal modelo priorizava a funcionalidade e a utilidade do conhecimento, naturalizando a explicação do real. Essa naturalização promoveu o distanciamento do sujeito frente ao objeto, o que marcou a objetividade do conhecimento. Além disso, alicerçada na especialização do saber, a naturalização do real delimitou nossa visão de mundo em categorias de tempo, espaço, matéria e número (TÁLAMO; SMIT, 2007).

Verifica-se, assim, que a informação até o início do século XX tinha uma função utilitarista. Na 1ª Guerra Mundial (1914-1918) tal papel começa a mudar, marcada por três principais tendências: uma de revolução, a exemplo da Rússia marxista; outra de crise, a exemplo da depressão econômica e das interguerras civis; outra, ainda, correspondente à *Belle Époque*, vivida pelos países vitoriosos, principalmente EUA. No conjunto, observa-se o crescimento de uma necessidade informacional no seio da sociedade (ROBREDO, 2007).

A importância da informação como necessidade se consolida na 2ª Guerra Mundial.

Num cenário de rupturas e descontinuidades trazido pela guerra, questões como o acesso, a recepção e a adaptabilidade das diferentes necessidades sociais tornam-se elementos importantes para se pensar a informação (TÁLAMO; SMIT, 2007).

Com o fim da 2ª Guerra Mundial diversas revoluções se instauraram, tanto de natureza socioeconômica, a exemplo da divisão bipolar do mundo entre EUA e URSS, como tecnológica e comunicacional, a exemplo do computador e as redes de satélites. No que tange à Ciência da Informação, além do contexto histórico-social, propício ao desenvolvimento de novas ciências com interfaces em outras áreas, teve sua origem motivada pela necessidade de resolver o problema da organização e do acesso ao conhecimento científico, cultural e tecnológico, que crescia desordenada e geometricamente (LILLEY; TRICE 1989).

Impulsionada originalmente pelas ideias da engenharia de comunicação, teorias cibernéticas e sistemas de transmissão de sinais, que desenvolveram as bases para a caracterização dos modelos e processos de recuperação da informação (*Information Retrieval*), a Ciência da Informação também tomou como base elementos da Biblioteconomia Especializada e da Documentação. Enquanto a Biblioteconomia Especializada estava muito atrelada aos aspectos sociológicos (herança da Escola de Chicago, 1930) e institucionais, a Documentação foi praticamente substituída nos EUA pela Ciência da Informação, difundindo-se também pela Europa (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2002).

Na Europa, a Documentação também incorporou as noções de automatização de serviços e técnicas, além de uma perspectiva de informação científica preocupada com o acesso e a recuperação, desenvolvendo importantes centros de documentação (ORTEGA, 2004). Enquanto isso, EUA e URSS, numa competição antes de tudo ideológica, ao incorporarem as inovações tecnológicas e científicas, sentiram a necessidade de demonstrarem seu poderio, denominando através dos campos responsáveis pelo tratamento e difusão da informação, sua perspectiva de mundo, “Ciência da informação” nos EUA e “*Informatika*” na URSS (BARRETO, 2007).

Essa época foi marcada pelas discussões acerca de padronizações internacionais, criação de cursos universitários e especialmente conferências, a exemplo da pioneira *Georgia Tech*. Nessas conferências, além do espaço para o treinamento técnico, discutiam-se os princípios gerais da área, o currículo acadêmico, bem como se estimulava a cooperação científica e a pesquisa na área (GARCIA, 2002).

Dessa forma, pode-se constatar que nesse período inicial, a Ciência da Informação,

ainda muito ligada à Documentação e Biblioteconomia, teve grande parte de seu instrumental voltado à recuperação informacional e maior precisão nas buscas. Foi a “era das classificações”, tesouros e indexações e de dispositivos como as bases de dados. Outras importantes mudanças também marcaram o denominado “período de gerência” (1945-1980): o aparecimento de novos profissionais, não só provenientes da Biblioteconomia, mas de diferentes áreas, em especial das ciências duras, para compor o corpo profissional da Ciência da Informação; o aparecimento de agências de pesquisa, patrocinadas pelo Estado ou por empresas privadas, que desenvolveram importantes projetos e serviços especializados; e o surgimento de uma comunidade científica responsável por eventos e publicações, fatores que corroboraram a consolidação da área (BARRETO, 2007).

De modo geral, pode-se constatar que a Ciência da Informação, desde sua origem teve sua orientação político-social oscilando entre os domínios das ciências humanas, sociais e da tecnologia. Um exemplo claro disso se ratifica em sua dupla raiz, de cunho documentário e voltado à recuperação da informação (SILVA, 2007).

Outra perspectiva sobre a origem e evolução da Ciência da Informação, a aproxima das Ciências da Comunicação, enxergando o despontar de ambas na década de 1960. Além disso, tanto a Ciência da Informação como da Comunicação poderiam ser encaradas sob duas vertentes: a acadêmica, que parte da teoria para uma demanda social; e a teórica, que parte de uma indagação antropológica que procura redefinir o escopo científico no âmbito da comunicação (GARCIA, 2002).

Num segundo momento, o tempo da relação “informação e conhecimento” (1980-1995), o foco passa a ser a ação da informação na coletividade, ou seja, consideram-se quais seriam as melhores formas da passagem da informação para os receptores, ponderando o bem estar e as competências do indivíduo para interiorizar a informação (BARRETO, 2007). A distinção entre o período da gerência e o da relação informação e conhecimento, enunciados por Barreto (2007), pode ser facilmente observada ao se contrapor duas conceituações da área, a partir da visão de autores de cada período:

A Ciência da Informação investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que governam seu fluxo e os meios de processamento para otimizar sua acessibilidade e utilização. Relaciona-se com o corpo de conhecimento relativo à produção, coleta, organização, armazenagem, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação (BORKO, 1968, p. 13).

Campo científico dedicado a questões científicas e à prática profissional, voltada para os problemas de efetiva comunicação do conhecimento e de registros de

conhecimento entre seres humanos, no contexto social, institucional do uso das necessidades de informação (SARACEVIC, 1995, p. 47).

A primeira conceituação corresponde ao tempo da gerência, por trazer elementos que reforçam o problema-chave desse período: a organização, recuperação e acesso à informação. Podem-se notar ainda expressões que denotam outras importantes influências da época como os termos “fluxo” e “meios de processamento”, que indicam a influência da Teoria de Informação (SHANNON; WEAVER, 1945), Informática e até as Ciências Cognitivas, mais voltadas aos aspectos físicos ou cognitivos da informação; ou mesmo associando a Ciência da Informação a diversas ações referentes à recuperação e uso da informação, aproximando-a das telecomunicações (BORKO, 1968).

Já a segunda conceituação, mesmo trazendo alguns indícios do primeiro momento, está focalizada na “comunicação do conhecimento”, voltando-se, ao contrário da primeira, às necessidades de informação, considerando para isso não só os recursos em si, mas o contexto social e/ou institucional. Assim, numa perspectiva mais influenciada pelos aspectos sociais, Saracevic (1995) propõe para Ciência da Informação um papel a desempenhar dentro de determinado contexto, ressaltando seu caráter interdisciplinar e questionando os imperativos tecnológicos e o comportamento de seu suposto objeto, a informação, presente nas diferentes perspectivas comunicacionais e científicas (SARACEVIC, 1995).

Quanto ao momento histórico-social, entre os anos oitenta e noventa, ocorre um aprofundamento da crise do Estado, com agravamento dos problemas sociais e de exclusão, evidenciados pelo crescimento da dívida externa nos países periféricos e certo abandono dos países desenvolvidos. No âmbito social, houve relevante movimentação política, acarretando, por exemplo, a queda do apartheid e de governos autoritários. Nesse momento também ocorre o final do conflito Leste/Oeste, que trouxe em seu bojo o fim dos dogmas teórico-políticos. Tal fenômeno criou uma oportunidade única para o desenvolvimento de uma transgressão epistemológica e metodológica (SANTOS, 1997).

Nesse contexto e que ocorre o último momento de evolução da Ciência da Informação, o “tempo do conhecimento interativo”. Nesse último estágio de evolução e que entra em cena a Internet, que aproximadamente a partir de 1995, somada às novas tecnologias de comunicação, são responsáveis por importantes mudanças na área. A ideia de tempo e espaço, por exemplo, perspectiva à época estanque e mais controlável, toma outra dimensão com o recurso da *web*, mudando a relação informacional, não mais bidimensional (emissor-receptor), mas pluridiversa, fundindo sujeito/objeto num dinâmico contexto interativo de trocas

(BARRETO, 2007).

No contexto contemporâneo, vivemos o fenômeno da transnacionalização, de pessoas, informações, hábitos e da economia, que funcionam em contraste com a centralização regulatória dos Estados Nacionais. A centralidade econômica foi desvalorizada em função da valorização do âmbito político, cultural e do simbólico que ganham espaço no complexo panorama contemporâneo (SANTOS, 1997).

Nessa perspectiva, autores como Wersig (1991), consideram a Ciência da Informação como uma ciência pós-moderna, não mais voltada a um entendimento completo de um objeto, mas procurando desenvolver estratégias para resolução de problemas. O autor a define como um conjunto de modelos desenvolvidos sob o ponto de vista do problema do uso do conhecimento, a partir das condições pós-modernas da informação (WERSIG, 1991).

Dessa forma, com uma “identidade nebulosa” e influenciada pelas fragmentações do fim do século XX, ocorre a incessante tentativa da Ciência da Informação de sedimentar seu estatuto científico e social. No entanto, para galgar tal estatuto depende da operacionalização de seus objetos, teorias e metodologias.

Mas será que a Ciência da Informação, por ter nascido nesse contexto de rupturas, pode ser encarada como uma “personagem” da pós-modernidade? Qual será a melhor forma para responder às questões informacionais apresentadas pela sociedade: formatando-se aos moldes disciplinares, ou procurando resolver os problemas da pós-modernidade? Na tentativa de entender tal dilema, propomo-nos a verificar quais são as principais características e relações entre o modelo moderno e pós-moderno, bem como compreender o papel da Ciência da Informação nesse contexto.

3 AS NUANCES DO PARADIGMA MODERNO E DO PÓS-MODERNO

A crise do paradigma moderno, segundo Santos (1987, p.24) é “resultado interativo de uma pluralidade de condições”. Fatores históricos e socioculturais se amalgamam para constituir seu colapso. Com Einstein, por exemplo, temos um marco para o surgimento do novo paradigma, a ideia de relatividade e simultaneidade, conceitos que não se restringiram ao contexto da física quântica e que se dissiparam em nosso cotidiano. As leis ganharam um caráter probabilístico, aproximativo e provisório, já que até as ciências duras passaram por um momento de pluralidade de métodos e relativização de conceitos. Quanto à simultaneidade,

podemos ver a mudança nas relações comunicacionais, transformadas pelos aparatos tecnológicos interativos da *web*, bem como pela superação das dicotomias sujeito/objeto e tempo/espço (SANTOS, 1987).

Para entender as diferenças entre o modelo moderno e o pós-moderno, é interessante retomar o contexto medieval, que se por um lado foi um período de gestação do Mundo Moderno, por outro tem aspectos que poderiam ser revisitados na contemporaneidade. Na Idade Média, por exemplo, filosofia e religião teciam uma íntima relação, diversas seitas judaicas, cristãs, cultos pagãos, gnósticos e herméticos competiam por adeptos, ao mesmo tempo em que muitos desses religiosos eram importantes filósofos: platonistas, aristotélicos, epicuristas e estoicos (COOPER, 2002). Tal proximidade poderia ser rotulada como “controversa”, mas já revelava algo comum à contemporaneidade com a aproximação de elementos supostamente “dísparos”, mas que em determinado momento e contexto se relacionavam.

Para Cooper (2002), o conhecimento na época subdividia-se em duas categorias: aquele estabelecido pela minoria de letrados, em grande parte religiosos, que constituíam os professores das primeiras universidades e que monopolizavam o saber da Filosofia e da Teologia; e os saberes populares transmitidos oralmente, tais como os dos artesãos, camponeses, parteiras, etc. Enquanto o saber, no primeiro caso, percorria concomitantemente duas vias, da fé e da razão, no segundo caso, aliava técnica e tradição, já que além de significar uma atividade para subsistência, também representava o conhecimento de um povo (COOPER, 2002).

A noção de coletivo na Idade Média é outra questão muitas vezes desconsiderada para os olhares “disciplinados” modernos, e até ignorada na perspectiva multifacetada da contemporaneidade. Congregados pelo apelo religioso, a partir do século X, os homens medievais acreditavam serem capazes de constituir um povo único, uma entidade que pretendia espelhar e prefigurar sua religião, a partir de um sentido da transcendência que arrancava o indivíduo da sua condição particular e o impulsionava a uma capacidade de agir e pensar em conjunto (COOPER, 2002).

A perspectiva medieval, aos poucos influenciada pelo Humanismo, foi transformando a visão do homem ocidental na Baixa Idade Média. O surgimento da ciência, por exemplo, não gerou de imediato um divórcio com a religião, já que os primeiros cientistas eram religiosos. As universidades da época, mesmo formando os primeiros letrados modernos,

ainda eram espaços voltados à transmissão de saber e não à sua descoberta, onde opiniões e interpretações de grandes pensadores não podiam ser refutadas (BURKE, 2003).

Segundo Burke (2003), o período moderno seria definido como os séculos de Gutenberg e Diderot. O primeiro reconhecido pelo surgimento da imprensa na Europa a partir de 1450; e o outro pela edição da *Encyclopédie* (1750-1772), marcos do início do mundo moderno por contribuírem com a difusão e organização do conhecimento. Quanto ao contexto de surgimento da modernidade, Bauman (2001) ressalta o momento em que o espaço e o tempo foram separados da prática da vida e entre si. Ao contrário dos séculos anteriores em que havia uma relação biunívoca entre eles, a partir da modernidade o tempo e o espaço poderiam ser teorizados como categorias distintas e mutuamente independentes (BAUMAN, 2001).

No século XVII, com o Iluminismo, a religião se desvincula do Estado, e com isso a fonte do conhecimento passa a ser a razão e a experiência (empirismo) baseadas no desenvolvimento científico. O Projeto das Luzes volta-se aos princípios da razão e do questionamento crítico em busca da verdade, autonomia, e das escolhas a partir da ruptura com o senso comum, a fim de desenvolver um modelo científico (BAUMAN, 2001).

As primeiras manifestações iluministas tentavam resolver as incertezas provenientes da crença de que o homem poderia apreender as forças e manifestações da natureza física, biológica ou social através do pensamento. Assim, com o fenômeno da Revolução Científica, ocorre a incorporação de conhecimentos antes considerados “alternativos” ao saber estabelecido, o que corrobora a organização disciplinar do saber. Tal abordagem contribuiu com a criação das organizações e sociedades científicas, espaços voltados à pesquisa e que estimulavam a figura dos pesquisadores profissionais (BURKE, 2003). O desenvolvimento científico ganhou maior espaço no século XVIII, com o aumento da necessidade de conhecimento da humanidade e também influenciado pelos princípios iluministas, calcados na razão e na busca por verdade (BURKE, 2003).

A promessa da racionalidade e progresso contida na acepção científica se difundiu a partir de um modelo disciplinar em que o conhecimento se legitimou. A ideia de busca pela verdade, diante dos distintos fenômenos da realidade, se estabeleceu mediante a divisão de um objeto em diversas partes, podendo estas ser investigadas por um método analítico, e assim conhecidas. Nesta perspectiva, segundo Morin (1997), os fenômenos físicos e sociais poderiam ser decompostos em diversas partes a fim de serem analisados e somente aí

compreendidos no contexto disciplinar, portanto, nessa perspectiva, o conhecimento seria sinônimo de separação (MORIN, 1997).

O desenvolvimento do conhecimento no mundo ocidental moderno foi consolidado pelo modelo da racionalidade científica e técnica que passou a exercer supremacia nos territórios de nossa cultura. A decomposição dos objetos em partes trouxe importantes contribuições acerca da compreensão das particularidades, o que de certa forma favoreceu a organização do conhecimento. Ao separar sujeito e objeto numa ação disjuntiva negou-se o fluxo de suas inter-relações, limitando os processos de construção do conhecimento, ao mesmo tempo em que superestimou a especialização em áreas isoladas que muitas vezes desconsideraram as esferas do real e seus fenômenos físico-naturais aos socioculturais. Tal modelo disciplinar “separatista” acabou por desvincular o conhecimento da “sinuosidade” que perfaz a vida cotidiana, constituída de teorias abstratas, complexas e paradoxais (ARAÚJO, 2000).

No século XX, o modelo científico moderno entra em crise, as diversidades e complexidades do mundo contemporâneo desafiam a estabilidade científica de base iluminista. Nesse cenário de crise da matriz do pensamento científico, desenvolve-se a perspectiva pós-moderna. Mesmo com algumas discussões e polêmicas sobre sua denominação, ambígua, complexa e crítica para alguns, acabou sendo uma das expressões mais usadas para representar uma espécie de reação à visão positivista e iluminista (HARVEY, 2000).

A perspectiva pós-moderna é marcada pela heterogeneidade, relativização e questionamento de todos os discursos universais e totalizantes cristalizados na visão moderna. O pensamento pós-moderno acolheu a fragmentação e a efemeridade de maneira afirmativa, a exemplo de Lyotard ao falar do vínculo social-linguístico, não meramente como um tecido único, mas como um emaranhado linguístico, em que o próprio sujeito pode dissolver-se na heterogeneidade de jogos de linguagem (HARVEY, 2000).

Nos territórios do saber científico foram aparecendo novas concepções e posturas críticas às características positivistas e iluministas. Sujeito e objeto, outrora dissociados aparecem numa relação de interligação e interdependência dinâmica, marcadas por princípios de incerteza e indeterminação dos processos de construção do conhecimento. Neste cenário, segundo Morin (1997) emerge a Epistemologia da Complexidade, que apregoa que a ciência clássica ortodoxa era simplista e reducionista ao delimitar o real ao formato de seus

paradigmas - disjuntivos e mecanicistas. Já a esfera da Epistemologia da Complexidade, em contrapartida, procura compreender as relações de interdependência através de uma visão sistêmica da dinâmica social, caracterizada pela presença do indeterminismo, instabilidade, e não linearidade (MORIN, 1997).

No entanto, mesmo imersos nesse contexto de ambiguidades, fragmentações e complexidades, ainda trazemos como principais referenciais científicos os pilares do paradigma moderno. Nas ciências “duras”, por exemplo, a máxima de “conhecer é sinônimo de quantificar” ainda está presente, bem como o rigor da delimitação de objetos e métodos. Nas ciências sociais, porém, talvez por conta de suas origens mais próximas ao “despertar pós-moderno”, há uma ênfase ao olhar subjetivo. A subjetividade nessa esfera é o que determina a compreensão dos fenômenos sociais a partir de métodos qualitativos, que visam à obtenção de um conhecimento intersubjetivo e compreensivo de um fenômeno social (SANTOS, 1987).

A ciência moderna, portanto, se fundamenta no conhecimento voltado à especialização, disciplinarização, e um rigor científico quantificador e objetivo. Todavia ao escolher tais pilares fica refém de fronteiras rígidas que impedem avanços, e também da arbitrariedade e da complexidade do mundo real, que muitas vezes exigem um olhar subjetivo e plural, que se flexibilize a um determinado contexto. Em contrapartida, a ciência pós-moderna é mais contemplativa que ativa, aproximando-se para alguns da estética, por reconhecer a satisfação pessoal e a partilha, podendo assim traduzir-se num saber prático (HARVEY, 2000).

Outra distinção marcante na perspectiva pós-moderna é a mudança do papel do conhecimento. Num contexto de transgressão metodológica, em que o valor do objeto por si se minimiza diante das potenciais relações que pode estabelecer com outros objetos, ocorre uma ruptura das barreiras disciplinares, permitindo que o conhecimento possa ser encarado por diferentes pontos de vista dentro de determinado contexto. Dessa forma o conhecimento se desenvolveria não mais pela divisão do saber, mas por uma perspectiva temática, num fluxo dinâmico de temas que permitiriam enxergar suas diferentes interfaces (SANTOS, 1987).

Outro aspecto que contribuiu com as mudanças no papel do conhecimento foram as inovações tecnológicas, transformando tanto o arcabouço tecnológico como as relações socioeconômicas. Tais mudanças exigiram a adoção de abordagens novas e diferentes para se

tratar os problemas gerados nos distintos contextos da contemporaneidade (BICALHO, OLIVEIRA, 2011).

4 A PÓS-MODERNIDADE E A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Na conjuntura contemporânea, tanto a ciência como o conhecimento mudam de papéis refletindo assim a complexa perspectiva pós-moderna. Segundo Wersig (1991), tal mudança, ao contrário do que o senso comum diz, não se restringe às transformações de uso da tecnologia em informação, a exemplo do que ocorreu na Revolução de Gutenberg. A informação, nesta perspectiva, funcionaria em função do conhecimento, que para o autor seria tecida através da linguagem. Nessa visão a linguagem caracterizaria os campos do conhecimento, e eles ganhariam na pós-modernidade dimensões e perspectivas distintas àquelas que nos acostumamos a ter no paradigma moderno (WERSIG, 1991).

Nesse viés, o autor desmitifica a ideia de que a Ciência da Informação seria uma mera disciplina resignificada da Biblioteconomia, argumentando que pelo seu corte epistemológico, somado ao momento de explosão informacional, o surgimento da Ciência da Informação, assim como de outros domínios, seria influenciado pelo fenômeno da mutabilidade do conhecimento. Para Wersig (1993) a mudança no papel do conhecimento se caracteriza pelo caráter evolutivo embasado numa dupla dimensão: filosófica e tecnológica. Essas duas dimensões são fruto das transformações da sociedade pós-industrial, evidenciadas pelos aspectos que estão diretamente vinculados ao conhecimento: despersonalização; fragmentação, racionalização e credibilidade (WERSIG, 1993).

Além disso, uma das questões teoricamente mais contundentes para o estabelecimento de um campo científico, segundo a ótica do paradigma moderno, seria a delimitação de um objeto, ideia que se desconstrói no contexto pós-moderno. Neste último, os objetos e fenômenos em si não são as “lentes” escolhidas pelos estudiosos para compreender a ciência contemporânea, mas sim as temáticas e suas inter-relações (TEIXEIRA COELHO, 2005). Com a crise da matriz disciplinar, as estruturas positivistas e iluministas se desconstruem. O conhecimento antes “disciplinado” na especialização do saber e tendo como prioridade a funcionalidade, na esfera pós-moderna ganha um caráter polivalente, desenvolvendo-se em grande parte por analogias, e marcando-se pela pluralidade de métodos, parcialidade e fragmentação.

A fragmentação, por exemplo, não deve ser tomada como um caráter negativo, pois ao contrário da divisão disciplinar - muitas vezes limitadora de perspectivas e ações relacionais -, acaba sendo um sinônimo de possibilidades ao permitir a distensão e o diálogo de estruturas antes intocáveis, a exemplo da relação sujeito/objeto e tempo/espço (TÁLAMO; SMIT, 2007). O modelo disciplinar, baseado num domínio específico do conhecimento para a construção de um objeto de pesquisa também é questionado e são consideradas outras matrizes para organização de um campo, tais como a interdisciplinaridade, pluri ou multidisciplinaridade e transdisciplinaridade.

Segundo Pombo (1994) a pluri ou multidisciplinaridade seria a justaposição de disciplinas diversas a fim de estudarem um tópico de pesquisa. A interdisciplinaridade, por sua vez seria qualquer combinação entre disciplinas com vista à compreensão de um objeto a partir da confluência de seus diferentes pontos de vista e tendo como objetivo a elaboração de uma síntese. Já a transdisciplinaridade seria o nível máximo de integração disciplinar, com a unificação de disciplinas tendo por base a explicitação de seus fundamentos, linguagens, estruturas e mecanismos comuns, com intuito de formular uma visão unitária e sistemática de um setor do saber. Assim, o diferencial entre os três níveis seria a gradação da integração disciplinar (POMBO, 1994).

No entanto, mesmo que tais níveis sejam característicos do mundo pós-moderno, teoricamente, precisamos do paradigma moderno para entendê-los. Nessa perspectiva, Japiassu (1976) afirma que a natureza de qualquer área tem como pressuposto a disciplinaridade, já que uma disciplina antes de tudo deveria delimitar suas fronteiras, objetos, métodos, sistemas, conceitos e teorias, antes de estabelecer qualquer nível de relação com outra.

Heckhausen (2006 apud BICALHO; OLIVEIRA, 2011) apresenta alguns aspectos básicos para a compreensão da natureza disciplinar: o domínio material (conjunto dos objetos pelos quais a disciplina se ocupa); domínio de estudo (perspectiva específica de seu domínio material); nível de integração teórica (fundamentação teórica dos conceitos); métodos próprios; instrumentos de análise; aplicação e contingência histórica.

Por outro lado, Popper (1975) afirma que como estudiosos não devemos nos ater às disciplinas propriamente ditas, ou seja, o foco de uma pesquisa não deve partir de um suposto objeto, mas sim de seus problemas. A partir de problemas podemos incorporar as distintas temáticas, estabelecer métodos e assim constituir uma prática investigativa. Nessa perspectiva

podemos pensar a Ciência da Informação como um campo, e não como uma disciplina como sugere Japiassu (1976). Saracevic (1995) compartilha dessa visão quando afirma que a Ciência da Informação poderia ser definida a partir dos problemas abordados e pelos métodos que escolheu para resolvê-los no decorrer do tempo.

Há ainda outros autores que indicam o caráter interdisciplinar como algo notório não apenas na Ciência da Informação, como nas demais áreas, considerando que no contexto contemporâneo não há como falar de uma prática disciplinar isolada. González de Gomes (2003), por exemplo, entende que a interdisciplinaridade gera conhecimentos a partir de diferentes modalidades de integração de conceitos, métodos ou abordagens em torno de um problema. Dessa forma, a interdisciplinaridade se desenvolveria dentro de um campo científico a fim de superar e até reformular as fronteiras disciplinares, assim diferente da mera aproximação multidisciplinar, a interdisciplinaridade promoveria um diálogo entre áreas, propiciando a comunicação de conhecimentos, modelos e teorias (GONZÁLEZ DE GOMES, 2003).

Diferente da pluridisciplinaridade, caracterizada como o nível mais elementar de integração disciplinar, a interdisciplinaridade, num nível mais complexo, se constituiria basicamente por três aspectos: aproximação de campos disciplinares distintos a fim de resolverem problemas específicos; compartilhamento de metodologia; e a geração de novas disciplinas, como resultado da cooperação entre os diferentes campos (DOMINGOS, 2005).

Todavia, mesmo com tal potencial, a Ciência da Informação não tem uma consolidação de suas principais temáticas. Há uma necessidade de elucidação de seus problemas, assim como de identificar suas interfaces com outras áreas, rotulada sem uma devida discussão e reflexão como “auxiliares”, “integradas” ou simplesmente “interdisciplinares”. O rótulo interdisciplinar, por exemplo, pode ser precipitadamente atribuído ao se considerar o aspecto contextual da Ciência da Informação, o que pode gerar diluição de questionamentos ou mera incorporação de conceitos (SMIT, 2008).

O caráter interdisciplinar da Ciência da Informação, mesmo considerando o contexto pós-moderno, para alguns autores, acaba sendo mais um objeto de afirmação, o que lhe confere um *status* científico e funcional, do que uma discussão ou explicação consolidada (SMIT; TÁLAMO; KOBASHI, 2004). As autoras ainda ressaltam o perigo de que a mera incorporação de conceitos possa ocorrer sem que se tenha havido uma adaptação aos propósitos da área. Dessa forma, ao invés do conhecimento interdisciplinar se manifestar

como uma atividade tradutora, fundada em linguagens, para determinar um tema, pode restringir-se a uma ação meramente descritiva e reprodutora de noções emprestadas (SMIT; TÁLAMO; KOBASHI, 2004).

Tálamo e Smit (2007) ainda salientam que pelo fato da Ciência da Informação se enunciar de modo fragmentado, pode recorrer na verdade à interdisciplinaridade como “álibi de cientificidade”, não assumindo realmente seu caráter de pluridisciplinaridade. As autoras observam que mesmo que a Ciência da Informação esteja imersa num contexto pós-moderno, com potencial temático e relacional, pode ocorrer na verdade o empréstimo acrítico de elementos e métodos de outras áreas, que não necessariamente revertem em prol da constituição do campo (TÁLAMO; SMIT, 2007).

Pinheiro (1997) ao falar da interdisciplinaridade da Ciência da Informação ressalta sua proximidade com a comunicação, prevendo assim que juntas comporiam outro domínio, de caráter transdisciplinar, o qual denomina como "infocomunicação". Nesse viés, a autora salienta que tanto a Ciência da Informação quanto a Ciências da Comunicação buscariam no humanismo perdido de sua origem a oportunidade de se inter-relacionarem, compartilhando elementos e constituindo uma ciência tecnocultural, um novo tipo de ciência social.

Há ainda outra vertente de estudiosos que realiza uma reorganização disciplinar dirigida pelo trabalho interdisciplinar. Tal *modos operandi* pode se dar em diferentes níveis: no discurso (outra perspectiva para se enxergar a história da ciência); nível dos reordenamentos disciplinares (as ciências de fronteira - cruzamento de duas disciplinas tradicionais, gerando disciplinas híbridas; interdisciplinas - disciplinas provenientes do cruzamento de disciplinas científicas, do ramo industrial e organizacional; e interciências - polidisciplina, que possui um núcleo duro e outras disciplinas em sua volta, sem que haja hierarquia entre elas); nível das práticas de investigação - importação, cruzamento, convergência, descentração e comprometimento; e nível das teorizações, que se materializam em forma de programas: programa antropológico (focado no ser humano); *realista* (ciências que têm o mesmo objeto); metodológico (capacidade de se constituir um regulador na emergência de novas disciplinas); epistemológico (integração das diversas ciências naturais e sociais); e ecológico (articulação entre as questões da ciência, ética, política, e os aspectos da condição humana no planeta (POMBO, 2004).

Outra vertente acredita que, pelo fato da Ciência da Informação ser uma ciência nova, ela tenha uma dependência teórica e até metodológica de outras áreas afins. González de

Gomes (2001) diante dessa vertente, contra-argumenta que mesmo jovem, para a Ciência da Informação se estabelecer como “ciência” deve possuir um núcleo de conhecimentos, métodos de investigação e um campo experimental, nos quais poderão ocorrer as trocas interdisciplinares. Contudo, a autora salienta que tais trocas não devem se restringir à mera incorporação ou migração passageira, mas se constituírem com base em um intercâmbio concreto.

Mesmo sendo uma área de criação recente, a Ciência da Informação precisa buscar sua consolidação teórico-metodológica, tanto a partir de uma terminologia própria, como fazendo as devidas adequações metodológicas daquilo que dialoga com outras disciplinas, para assim constituir seus fundamentos como área científica, sem perder o caráter científico do século XXI (BICALHO, OLIVEIRA, 2011).

Outros autores preferem enxergar a Ciência da Informação sob a “lente” da transdisciplinaridade. Para Brandão (2008), por exemplo, devemos buscar uma atitude transdisciplinar na Ciência da Informação, visão que incentivaria o pesquisador a abrir-se às hibridações, e com isso permitir uma reorganização epistemológica, não mais limitada ao objeto e método rígidos, mas aberta ao entendimento de temáticas dentro de um campo do conhecimento.

Por fim, podemos também citar a perspectiva Garcia (2002) sobre as relações da Ciência da Informação com outras áreas:

Na verdade, uma ciência se insinua e se amplia dentro de uma determinada área e ao adquirir um corpo de conhecimentos se desmembra, formando uma nova. A ciência da informação é um exemplo de desmembramento que ocorre em processo inverso. Ela se insinua dentro da biblioteconomia, se desmembra e forçada pela necessidade de recuperação da informação, busca novas relações com outras áreas do conhecimento. Com as possibilidades proporcionadas pelos computadores nova solução e uma nova ciência é criada. As duas necessitam da classificação, da indexação, da organização e da representação do conhecimento que a biblioteconomia possui[...]Por outro lado, se ainda é dependente de teorias de outras ciências, justifica-se por ser relativamente jovem e, mais que isso, pela própria relação que mantém com algumas disciplinas que compõem as ciências sociais, por sua vez, também dependentes de teorias, mas nem por isto negadas como ciências (GARCIA, 2002, p.14).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo com a ascendência da pós-modernidade, ainda refratamos traços modernos em diferentes esferas sociais: nas estruturas institucionais, profissionais, científicas e até

linguísticas, ao buscarmos a "solidez" e a "verdade" moderna. Nesse período de transição de paradigmas, o homem contemporâneo tem de um lado a solidez da modernidade cristalizada em estruturas que custa a se desapegar, mas que em contrapartida lhe confere o alento da busca por uma verdade; *versus* a fluidez da pós-modernidade, dinâmica, inter-relacional, mas difusa e imprevisível (SIQUEIRA, 2011).

Diante desse contexto plural e complexo novas manifestações científicas nascidas no período de transição de paradigmas também refratam suas vicissitudes e tropeços, a exemplo da Ciência da Informação, que nasce no bojo da esfera pós-moderna, mas ainda sofre as exigências de uma disciplina moderna, já que ainda estamos arraigados a tal modelo (SILVA NETO; SERRI, 2007).

A Ciência da Informação poderia ser encarada como uma “tímida personagem” pós-moderna, por um lado olhada a partir de uma perspectiva temática e reconhecida segundo um enfoque organizacional interdisciplinar, mas por outro, pode ser visualizada enredada em seu entrelaçado arcabouço de conceitos, teorias e métodos, “à procura de uma identidade” e uma “consolidação” como campo do saber (SIQUEIRA, 2011).

Essa busca pela consolidação do domínio da Ciência da Informação corrobora a importância de se ampliarem os estudos teórico-epistemológicos da área (PINHEIRO, 1997). Tais estudos devem associar os aspectos teóricos, práticos e as reflexões metodológicas da área, a fim de se chegar a um melhor delineamento da Ciência da Informação. Wersig (1991) propõem para isso três estágios para o exercício científico: a construção de modelos básicos de redefinição de categorias científicas; a reformulação de interconceitos e o entrelaçamento de modelos e interconceitos, a fim de se compreender a noção geral dos conceitos da área podendo a partir daí formular estratégias e políticas.

Quanto ao problema da legitimidade do exercício de busca de respostas, evidenciado pela própria questão de seu objeto, a informação, constata-se que a Ciência da Informação não deve ser encarada sob o mesmo viés de uma ciência clássica, com um único objeto e método próprio (SILVA, 2007). Ao contrário, assim, como indica Wersig (1991) a Ciência da Informação deveria ser encarada como um protótipo de uma nova ciência ou uma ciência pós-moderna.

Por fim, constata-se que não há um consenso teórico conceitual entre os especialistas da área sobre a natureza identitária da Ciência da Informação. Tal situação resvala para uma dissonância de diferentes opiniões acerca da natureza e dos traços que possam caracterizar o

escopo da Ciência da Informação. Diante disso, é premente ao desenvolvimento de estudos de cunho epistemológico, a fim corroborar a melhor compreensão e posterior delimitação identitária da área.

Science Information: character posmodernity

Abstract: The article presents the context of creation and improvement of Information Science from a historical-conceptual approach. For this, we present historical traces the origins and evolution of the theoretical and conceptual aspects of the area of its character, such as interdisciplinary, accountable for the represent the area. The aim of this paper is to reveal the traits that characterize the identity of Information Science, passing by its theoretical framework and identifying ways of seeing the area within the paradigm of postmodernity. From the literature review by authors from different periods, tries to outline an overview of the creation and development of Information Science in historical and social context of contemporaneity. Finally, it appears that there is a theoretical and conceptual consensus among experts in the field, that be a sign of different views about its nature. Therefore, it is urgent to develop epistemological studies in order to corroborate the identity constitution of the area.

Keywords: Information Science. Modernity. Post modernity. Epistemology.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M. A. L. Transdisciplinaridade e educação. **Revista de Educação CEAP**, Salvador, n. 8, p. 7-19, dez./fev. 1999/2000.

BARRETO, A.A. Uma história da ciência da informação. In: TOUTAIN, L. B. (Org.). **Para entender a Ciência da Informação**. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2007.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BICALHO, L.M; OLIVEIRA, M. Aspectos conceituais da multidisciplinaridade e da interdisciplinaridade e a pesquisa em Ciência da Informação. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Florianópolis, v.16, n.32, p.1-26, 2011.

BRANDÃO, C. A. L. A transdisciplinaridade. In: De PAULA, J. A. (Org.) **A transdisciplinaridade e os desafios contemporâneos**. Belo Horizonte: IEAT/UFMG, 2008.

BORKO, H. Information Science: what is it? **American Documentation**. Washington, v. 19, n.1, jan. 1968.

BURKE, P. **Uma história social do conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro:

Jorge Zahar, 2003.

COOPER, D. **As filosofias do mundo: uma introdução histórica.** São Paulo: Edições Loyola 2002.

DOMINGUES, I. Em busca do método. In:_____. (Org.) **Conhecimento e transdisciplinaridade II: aspectos metodológicos.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

GARCIA, J.C.R. Conferências do Georgia Institute of Technology e a Ciência da Informação: de volta para o futuro. **Informação e Sociedade: estudos**, v.12, n.1, 2002.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Para uma reflexão epistemológica acerca da ciência da Informação. **Perspectiva da Ciência da Informação.** Belo Horizonte, v.6, n.1, p. 5-18, jan./jun. 2001.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Escopo e abrangência da ciência da informação e a pós-graduação na área: anotações para uma reflexão. **Transinformação**, v.15, n.1, p.31-43, jan./abr. 2003.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna.** São Paulo: Loyola, 2000.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologias do saber.** Rio de Janeiro: Imago, 1976 (Série Logótica).

LILLEY, D.B; TRICE, R.W. **A history of information science 1945-1985.** United Kingdom: Academic Press, 1989 (Library and Information Series).

MORIN, E. **O método: as ideias, seu habitat, sua vida, seus costumes, sua organização.** Rio Grande do Sul: Sulina, 1997.

OLIVEIRA, M.; ARAÚJO, E. A. Os paradigmas da biblioteconomia e da ciência da informação e os novos contextos de informação. In: CASTRO, C. A. (org.) **Ciência da informação e biblioteconomia: múltiplos discursos.** São Luis: EDFAMA, 2002. p. 36-49.

ORTEGA, C. D. Relações históricas entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. **DataGramaZero: Revista de Ciência da Informação**, v.5, n.5, out. 2004. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/out04/Art_03.htm>. Acesso em: 20 maio 2012.

PINHEIRO, L. V. R. **A Ciência da informação entre sombra e luz: domínio epistemológico e campo interdisciplinar.** (Tese) Doutorado em Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1997.

POMBO, O. Contribuição para um vocabulário sobre interdisciplinaridade. In: POMBO, O.; LEVY, T.; GUIMARAES, H., **A Interdisciplinaridade: reflexão e experiência.** 2. ed. Lisboa: Ed. Texto, 1994.

POMBO, O. Epistemologia da Interdisciplinaridade. In: POMBO, O. **Interdisciplinaridade, humanismo, universidade.** Porto: Campo das Letras, 2004. Disponível em:

<<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/investigacao/pontofinal.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2012.

POPPER, K. R. **Conhecimento objetivo**: uma abordagem evolucionária. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.

ROBREDO, J. Filosofia da ciência da informação ou ciência da informação e filosofia? In: TOUTAIN, L. B. (Org.). **Para entender a Ciência da Informação**. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2007.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Afrontamento, 1987.

SANTOS, B. S. **Pela mão de Alice**: o social e o político na transição pós-moderna. São Paulo: Cortez, 1997.

SARACEVIC, T. A natureza interdisciplinar da ciência da informação. **Ciência da Informação**, v.24, n.1, 1995. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/530/482>>. Acesso em: 10 out. 2011.

SHANNON, C. E., WEAVER, W. **The mathematical theory of communication**. Urbana: University of Illinois Press, 1949.

SILVA, A.C.P. Asas da Complexidade de um pássaro tecelão: outras reflexões epistemológicas acerca de uma ciência pela informação e conhecimento. **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**. Covilhã, 2007. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/silva-alan-asas-da-complexidade.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2012.

SILVA NETO, C. SERRI, R. H. Pensamento complexo e inclusão informacional. In: PINTO, V. B.(org.). **Ciência da Informação**: abordagens transdisciplinares, gênese e aplicações. Fortaleza: Edições UFC, 2007.

SIMEÃO, E. **Comunicação extensiva e informação em rede**. Brasília: Universidade de Brasília, Departamento de Ciência da Informação e Documentação, 2006.

SIQUEIRA, J. C. **A noção de documento e informação**: uma abordagem terminológica. São Paulo, 2011. (Dissertação de Mestrado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

SMIT, J. W. Novas abordagens na organização, no acesso e na transferência da informação. In: SILVA, H.C; BARROS, M.H.T.C. **Ciência da Informação** - múltiplos diálogos. Marília: Unesp, 2008.

_____. TÁLAMO, M; F.G.M.; KOBASHI, N.Y. A determinação do campo científico da ciência da informação: uma abordagem terminológica. **Datagramazero**, Rio de Janeiro, v.5, n.1, fev. 2004. Disponível em: <www.dgz.org.br/>. Acesso em: 10 out. 2011.

TÁLAMO, M. F. G. M.; SMIT, J. W. Ciência da informação: transgressão metodológica. In: BENTES PINTO, V.; CAVALCANTE, L.E.; SILVA NETO. **Ciência da Informação**:

abordagens transdisciplinares, gêneses e aplicações. Fortaleza: Ed. UFC, 2007.

TEIXEIRA COELHO, J. Esboços do prazer. In: MONTESQUIEU, C.S. **O gosto**. São Paulo: Iluminuras, 2005.

WERSIG, G. Information Science: the study of postmodern knowledge usage. **Information Processing & Management**, v. 29, n. 2, p.229-239, 1993.

WERSIG, G. Information science and theory: a weaver bird's perspective. In: VAKKARI, P.; CRONIN, B. (eds). *Conceptions of Library and Information Science; historical, empirical and theoretical perspectives*. THE INTERNATIONAL CONFERENCE FOR THE CELEBRATION OF 20TH ANNIVERSARY OF THE DEPARTMENT OF INFORMATION STUDIES OF UNIVERSITY OF TAMPERE, 1991, **Proceedings...** Finland. London, Los Angeles: Taylor Graham, 1991.

Informações dos autores

Jessica Camara Siqueira

Bolsista CNPq- DTII- Agência USP de Inovação
Mestrado em Ciência da Informação pela USP(2010-2011)
Especialização em Arquivos IEB-USP(2008-2009).
Bacharelado em Biblioteconomia pela USP (2006-2009)
Licenciatura em Letras pela UNIMAR (2000-2003)



Artigo recebido em 10/10/2011 e aceito para publicação em 09/07/2012.